

# Médicos desmentem ministro e querem debate

## • Paralisadas todas as Faculdades de Medicina do País

A Ordem dos Médicos e a Comissão Nacional dos Médicos do Internato Geral desafiaram ontem, separadamente, a titular da pasta da Saúde para um debate público, na sequência da intervenção de Leonor Beza na RTP, na noite de quarta-feira. Por outro lado, e enquanto estudantes das Faculdades de Medicina estão em greve de protesto contra o novo decreto-lei sobre internato geral, o Sindicato criticou a Ordem por substituir uma suspensão de trabalho, prevista para hoje, por uma forma simbólica de luta.

NUMA COMUNICAÇÃO ao País, feita através da RTP, Leonor Beza afirmou que os médicos do internato geral «só devem estar onde possam aprender e ser avaliados», pois aquele período é de «formação profissional e não um trabalho», reafirmando que os internos gerais não são trabalhadores ao serviço do Estado, contrariamente ao que entendem os jovens licenciados.

Leonor Beza adiantou ter já dado instruções aos serviços dependentes do seu Ministério no sentido de os internos gerais não serem utilizados nas urgências, afirmando, por outro lado, que o Estado assegura a todos aqueles médicos uma remuneração equivalente à letra G da Função Pública e esclarecendo que, segundo o novo estatuto, eles «não terão as regalias da Função Pública».

«Mais nenhum licenciado tem este tratamento por parte do Estado», disse Leonor Beza. E, referindo-se aos médicos que em Fevereiro terminam o internato geral, reafirmou que o Estado não poderá assegurar o emprego a todos, sublinhando que «serão abertas tantas vagas quantas as necessárias».

«O Serviço Nacional de Saúde dará tantos empregos quantos forem legítimos», disse ainda, recordando que, em 1985, o Estado «gastou 18 milhões de

contos a pagar a médicos privados».

A intervenção de Leonor Beza na RTP suscitou imediatas reacções da Ordem dos Médicos e da Comissão Nacional dos Médicos do Internato Geral, que desafiaram a titular da pasta da Saúde para um debate, de forma a que o público tome também conhecimento das suas posições.

Num comunicado ontem divulgado, a Ordem dos Médicos, «face às declarações unilaterais da ministra da Saúde», e porque «discorda de pontos fundamentais das mesmas», solicitou à RTP «o urgente esclarecimento do problema», num debate em que participassem Leonor Beza e o bastonário da Ordem, António Gentil Martins.

A Comissão dos Médicos do Internato Geral, por seu turno, quer também debater publicamente o problema com Leonor Beza, e um dos seus elementos, Adalberto Fernandes, disse à NP que «as afirmações da senhora ministro da Saúde são insustentáveis e pretendem virar a opinião pública contra os jovens médicos», ao quererem «dar a entender que somos um

grupo de pessoas privilegiadas que apenas quer defender o tacho».

«Gostaríamos de ver a senhora ministro deslocar-se mais vezes aos hospitais, não só em dias de festa e com avisos prévios. Talvez assim pudesse entender o que fazem os internos gerais nos vários serviços», disse Adalberto Fernandes, sublinhando que, a instituir-se o novo regime, os hospitais, onde os internos gerais sejam impedidos de trabalhar, irão paralisar. «Nem é preciso fazer greve, porque é o próprio Ministério que manda parar os hospitais», disse.

A Ordem dos Médicos num outro comunicado em que protesta também contra as declarações de Leonor Beza, anunciou ter decidido substituir a suspensão de um dia de trabalho, prevista para hoje, por uma recolha de fundos entre os médicos dos serviços dependentes do Ministério da Saúde. A verba recolhida destinaria-se a «um fundo a constituir, tendo em vista apoiar os internos».

Segundo o comunicado, a

«fórmula proposta de suspensão de um dia de trabalho com as inerentes perdas pecuniárias, iria objectivamente a favor dos interesses monetarísticos a que o Governo parece ser tão sensível e contra os da classe médica, afinal vítima da agressão».

Esta posição foi ontem criticada pelo Sindicato dos Médicos da Zona Sul, que considerou esta acção como visando «esconder a sua culpabilidade total com as medidas do Governo». Os três sindicatos médicos, recorde-se, reúnem-se hoje para coordenar a luta a nível nacional.

Na Faculdade de Medicina do Porto, estudantes decidiram continuar a greve por tempo indeterminado, tal como os alunos de Ciências Biomédicas Abel Salazar, e os 910 discentes da Faculdade de Coimbra não compareceram ontem às aulas. Adesões totais foram também registadas nas duas escolas de Lisboa.

A Juventude Centrista e a Juventude ZAP manifestaram, entretanto em comunicado, a sua solidariedade com a luta desenvolvida pelos jovens licenciados em Medicina.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
<del>24</del>
25
26
27
28
29
30
31

Conflitos - estudantes

